

VALE DO ANHANGABAÚ - O RETORNO

Escrito por Jorge Soto
Dom, 04 de Julho de 2010 00:26



Outono passado estive pela primeira vez na região do Vale do Rio Anhangabaú, gde tributário do Rio Quilombo situado na região serrana de Paranapiacaba. Entretanto, aquele bate-volta à suas mansas nascentes fora tão breve q mal deu pra arranhar o local, deixando-nos com mais vontade de lá retornar. Vontade esta satisfeita parcialmente neste ultimo domingo, onde palmilhando outra picada menos usada - e nos valendo inevitavelmente de lances de vara-mato e escalaminhada - fomos dar noutro setor mais acidentado (e encachoeirado) do Anhangabaú.

O resultado foi uma bate-volta puxado do qual tiramos finalmente conclusões a respeito dos programas montanheiros possíveis nesta região menos conhecida da ilustre vila inglesa. Pernadas q até mesmo os monitores/guias de Paranapiacaba desconhecem.

Minha cabeça parecia explodir e aquele gosto amargo de cabo-de-guarda-chuva envolvia meu paladar naquele inicio de manhã de domingo. Consequencia inevitável de um sabadão baladeiro q se esticara às primeiras horas da madrugada até outro boteco, mas a tentação de ficar sob as cobertas foi imediatamente descartada qdo percebi estar atrasado pra encontrar meus colegas na Estação da Luz. Espiei pela janela e realmente o dia prometia ser perfeito, e

VALE DO ANHANGABAÚ - O RETORNO

Escrito por Jorge Soto

Dom, 04 de Julho de 2010 00:26

daí o impasse na minha consciência retornou: "Vou ou não vou? Dou cano neles?" Dormira apenas 2,5hrs e minhas têmporas pulsavam da ressaca auto-imposta. "Não vou", pensei. Olhei pra fora outra vez o dia lançando seus primeiros raios num céu azul despido de qq nuvem. Ô, duvida cruel. Como me conheço bem e sempre optei me arrepender do q fiz ao q deixei de fazer, reconsiderarei, já arrumando minhas tralhas: "Vou e dane-se!".

Assim, naquele estado letárgico q beirava o sono e a vigília encontrei o Thunder na Luz, onde imediatamente tomamos o trem rumo Rio Gde da Serra. Buscando tanto ignorar as palavras q meu colega me dirigia (q entravam por um ouvido e saiam por outro) como a balburdia de um bando de Testemunhas de Jeová q tomou conta do vagão, consegui passar pelo primeiro estagio da ressaca incólume. Encontramos o Nando em Paranapicaba conversando com a simpática Dna Francisca e a Alessandra, as 9hrs, onde ainda tivemos q aguardar o Ronaldo q, à diferença de mim e quiçá mais sensato, resolveu nos dar cano e permanecer sabiamente sob as cobertas.

Após deixar o carro do Nando na escola local tomamos rumo à Estrada do Taquaruçu as 9:30, passando tranqüilamente pelo portal do Parque das Nascentes e a cancela homônima até ganhar o frescor da referida bucólica estrada q, cascalhada e ornada de lírios-do-brejo, agora reluziam a um incomparável sol matinal. Após serpentear sinuosamente morrotes e encostas, alem de ignorar a picada q adentra ao "Circuito da Agua Fria" e passar pelo marco delimitando os municípios de Sto André e Mogi, às 10:10 tomamos a famosa entrada à direita q nos leva à tradicional "Volta na Serra". C/ mato caindo à nossa esquerda, vamos sempre bordejando uma encosta florestada de serra por picada obvia e bem roçada, eventualmente c/ janelas na vegetação permitindo algum visu. Numa delas, em meio à fragrância de altivos eucaliptos, temos o vislumbre parcial da Vila do Taquaruçu, q destoa tal qual um presépio encravado na serra. Ignoramos a bifurcacao q desce das ruínas da "Comunidade" e continuamos em frente, sempre costeando a serra. Por sorte, a pernada oxigenava meus pulmões dissipando aos poucos a maledita enxaqueca q insistia em martelar ainda minha cabeça.

No caminho, topamos c/ aceiros de manutenção bem roçados cruzando perpendicularmente a picada principal; o primeiro acompanhamos em suave declive e o segundo ignoramos, passando-o batido. Sempre perdendo altitude, ora suave ora curtos trechos íngremes e cruzando com um correguinho q molha nossa goela, finalmente desembocamos na famosa "Bifurcacao das Bananeiras", as 11:15. Antes porém, os atrativos são as velhas fornalhas cavadas na encosta q um dia arderam à boa parte da mata nativa dali pra abastecer de carvão uma Sampa em revolução industrial incipiente. Sem falar nas raras frestas na vegetação q nos permitia vislumbrar o majestoso e imponente vale à nossa esquerda, c/ suas verdejantes escarpas debruçando-se q quase verticalmente.

VALE DO ANHANGABAÚ - O RETORNO

Escrito por Jorge Soto

Dom, 04 de Julho de 2010 00:26

Do "Cruzamento das Bananeiras" tomamos a ramificação da esquerda, descendo por trecho de brejo ate uma clareira do lado de um manso riachinho, q o Nando jura de pé junto q é a nascente do Rio Quilombo, pela carta plotada em seu possante GPS. Cruzado o córrego subimos uma nova encosta de serra pra logo cair no q fora outrora uma antiga estrada porém tomada em parte pelo mato, principalmente por belos exemplares de cedros, orquídeas e bromélias. Mas logo damos no alto da serra, marcada por uma boa clareira de pernoite, onde bastou andar um pouco por sua estreita crista ate desembocar numa nova bifurcação, na qual passamos reto tomando a direita, sentido Quilombo. Sempre avaliando a melhor rota indicada pelo GPS e confrontando-a com o q minha vaga memória tinha a dizer das minhas incursões anteriores à regio, uma vez q o outro ramo (esquerda) daria nas mansas nascentes do Anhangabaú. O aparelho marca tb estarmos na cota dos quase 880m de altitude.

Pois bem, tomando o ramo da direita começamos bordejando uma encosta bastante íngreme, p/ depois descê-la em curtos ziguezagues. Logo caímos num ombro (ou crista) de serra q bastou descê-lo quase q reto e forte, piramba abaixo, c/ mato caindo por ambos os lados, onde visivelmente notamos estar numa crista divisora de vales: à nossa direita o Quilombo e à esquerda o Anhangabaú. Mas é qdo a picada vira pra direita indefinidamente q tomamos outra (q caia pra esquerda, quase em "V") q sempre ignorei e q ia no sentido desejado desta ocasião, ou seja, pro Anhangabáu. Afinal, a idéia é explorar.

Tomando esta picada descemos suavemente sem mta dificuldade, mas logo vemos o mato tomar conta da picada aos poucos, gerando preocupação. Entretanto, bastava insistir q logo encontrávamos vestígios da mesma logo adiante. Menos obvia, claro, mas ela estava la abaixo de nossos pés. Não bastasse isso, este trecho continha inúmeros cipós e bambus, alem de mtas arvores tombadas no caminho e voçorocas q eram verdadeiras camas-de-gato, obstáculos vencidos na base do agacha ali e contorna aqui. Mas não tardou a reparar q a picada descia suavemente a montanha em largos ziguezagues, trecho este q julgamos ser a "Trilha 240 Graus", uma vez q a direção mantinha sempre esse sentido de angulação.

Mas td q é bom dura pouco pq não tardou pra picada desaparecer em definitivo num enorme desbarrancado. Sem saco de buscar ou farejar trilha alguma, apenas azimuthamos vale abaixo e la fomos nós, desescalaminhando em meio à pedras q marcavam possivelmente um curso d'água seco. Dito e feito, este logo juntou-se a um fio d'água q bastou acompanhar cautelosamente, pois o leito pedregoso tava liso feito sabão. Apesar dos cuidados, isso não evitou q tomasse uns belos capotes no chão, infelizmente molhando os pezitos. Assim perdemos altitude num piscar de olhos e não demorou a ouvir o rugido do rio cada vez mais próximo. E após contornar pela encosta íngreme da mata um trecho pirambeiro, quase vertical de onde despencava uma bela cachu, desembocamos finalmente no Anhangabaú, 12:40. O GPS do Nando marca exatos 560m, ou seja, estávamos bem no meio do rio, nalgum canto entre o planalto e a baixada.

VALE DO ANHANGABAÚ - O RETORNO

Escrito por Jorge Soto

Dom, 04 de Julho de 2010 00:26

O Anhangabaú neste trecho rivaliza com o Quilombo em volume de água. Diferente da ocasião anterior, onde eu e a Laure fomos dar num local ameno e plácido das nascentes do Anhangabau, este aqui era bem acidentado e com mto mais água, repleto de enormes rochas represando poções na base de mini-cachus de água límpida e cristalina. Na verdade pensávamos q este rio fosse um afluente menor do Quilombo sendo q na verdade ELE É praticamente o Quilombo! Contemplando o visual descortinado tanto rio abaixo como rio acima, buscamos um lugar apropriado entre as pedras pra descansar e comer alguma coisa. Olhando pra cima víamos um enorme pico vigiando o rio, forte candidato a futuras explorações vindouras, quem sabe? É início de tarde e embora o sol esteja alto, a sombra do arvoredado ainda cobre quase tudo. Sentados à beira de banheiras naturais ouvimos o marulho da água e nos abandonamos à brisa q eventualmente remexe as folhas em volta. Claro q a água estava tinindo de gelada, mas o lugar é perfeito pra uma pausa demorada. Após devorar meu Nissen e enqto o Nando e Thunder comiam algo eu ainda dei mais umas zanzadas nos arredores, sempre com cuidado ao andar pelas pedras pois estavam besuntadas de visguento limo verde, onde qq pisada em falso poderia resultar num acidente serio.

Às 14:15 nos juntamos pra decidir q rumo tomar a partir dali e resolvemos retornar pelo mesmo caminho por ser mais seguro, principalmente em virtude do horário avançado. A vontade de subir (ou descer) o rio era tentadora demais, porem em virtude do gde desnível a vencer seja ate suas nascentes como ate sua foz com o Quilombo, era de se considerar o grau de inclinação do trajeto tendo em consideração o perigoso limo das pedras. Ou seja, esses eram programas q demandariam tempo, equipo apropriado e certamente pernoite. Paciência, ao menos já ter plena ciência disso já é motivo pra retornar noutro fds mais bem equipado pra trips mais ousadas. Mas por hj ali era o mais longe q conseguimos chegar, no coração desta mata.

E assim às 14:30 refizemos o caminho de volta sem gde dificuldade, pois a escalaminhada pelas pedras encosta acima foi ate mais rápida e ágil q na descida. Ao voltar pra picada bastou subir os ziguezagues, varar algum mato e subir a íngreme piramba ate a crista, as 15:20. Após uma parada pra molhar a garganta e recuperar fôlego no córrego após a bifurcação no alto da serra, caímos nas Bananeiras pontualmente as 15:40, onde tivemos mais uma pausa pra avaliar se valia a pena retornar pela picada da direita, a tradicional "Volta da Serra". Logicamente q aqueles 5km tortuosos à vila dificilmente seriam vencidos antes do escurecer, ainda mais sendo inverno, qdo o sol deixa td na penumbra mais cedo. Mas o agravante maior era q estávamos sem lanternas (pode?). Ouvindo a voz da sensatez decidimos q não valia a pena já q tb chegaríamos no Mirante sem visual algum. Com pés ligeiros e prestando bem atenção à volta - q mtas vezes já me enganou por não ter memorizado a ida - terminamos saindo novamente na Estrada do Taquaruçu as 16:50, pra depois andar pela sacal e entediante estrada cascalhada ate dar na vila inglesa por volta das 17:30, já escurecendo rapidamente, onde estacionamos no Bar do Ferreira pra bebemorar o dia proveitoso na serra. Dali pra Sampa foi um piscar de olhos, onde acabei dando em casa antes das 21hrs.

VALE DO ANHANGABAÚ - O RETORNO

Escrito por Jorge Soto

Dom, 04 de Julho de 2010 00:26

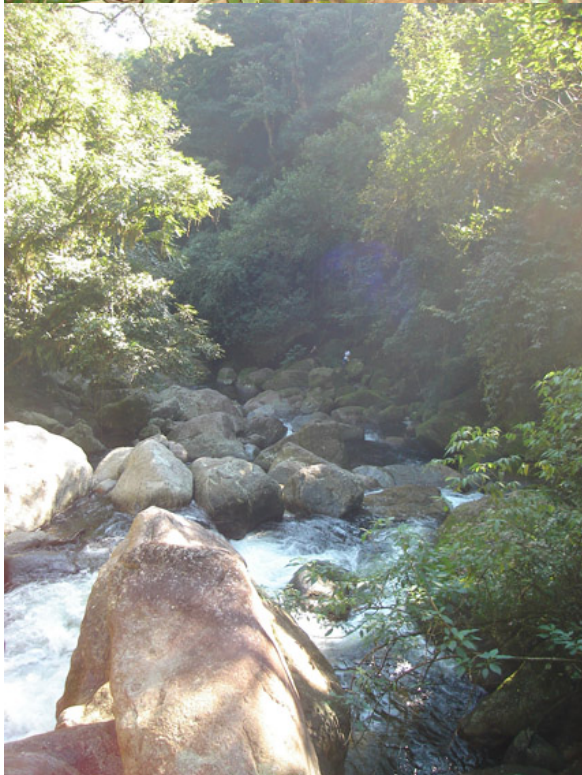
Antes de zarpar, porem, conversamos com o Eddy, um guia informal da vila ao qual indagamos mais infos sobre o Anhangabaú. "O quê? Não conheço por lá não..", respondeu. Bem, se nem os guias/monitores de Paranapiacaba (mesmo os nascidos lá!) dão as caras naquele vale é pq a regioao ainda tem vários programas menos conhecidos e mais radicais a serem descobertos. Além da subida e descida de rio já mencionadas, tem um tal de Cachoeirão, uma enorme queda dagua despencando nalgum canto no meio da mata, entre outros passeios q a carta e a criatividade sugerirem. Dessa forma, isolado e ligeiramente mais distante da vila, o Vale do Anhangabaú destaca-se - tal qual o Quilombo e Mogi - como uma nova vedete em potencial de Paranapiacaba. E pensando assim, as explorações e aventuras vindouras pelos contrafortes da tradicional e conhecida vila inglesa estarão sempre garantidas.



VALE DO ANHANGABAÚ - O RETORNO

Escrito por Jorge Soto

Dom, 04 de Julho de 2010 00:26



VALE DO ANHANGABAÚ - O RETORNO

Escrito por Jorge Soto

Dom, 04 de Julho de 2010 00:26



http://www.esimultipy.com/photos/_trek.html